



# OS NOSSOS PERFIS

EUSEBIO DE SOUSA

Com que prazer recorro a quadra ditosa do meu tempo de estudante — a dos perfis dos bacharelados do anno de 1907, de minha formatura!

Talvez essa indelevel recordação provenha da circumstancia de ainda possuir, hoje, a interessante *plaque* — “Os Bacharelados”, ao seu tempo publicada e enfeixando alludidos perfis, precioso relicario que, com o maior zelo, guardo entre as minhas preciosidades.

O leitor não ignora a praxe que vem seguida, ha muitos annos, de, nas academias scientificas do paiz, no final do curso, se perfilharem aquelles que deixam os bancos estudantae. E generalizou-se de tal modo que até os estabelecimentos de ensino secundario estão a imital-a em nossos dias.

Esses traços academicos apparecem, de ordinario, em prosa comedida, sadia e aproveitavel; ou então, em versos burilados, cheios de fina verve, de accordo com o estalão de quem os faz.

E’ bem verdade que ás vezes degeneram elles para o terreno da troça insulsa, das picuinhas, verdadeiras pachouchadas, proprios da secção paga dos

jornaes, acarretando, dest'arte, com visiveis aborrecimentos e serios vexames para o tracejador e o visado na pilheria.

Lembro-me bem. Certa occasião, o autor de uma serie desses originaes "retratos", alludindo a um collega de turma — um dos maiores bohemios que conheci quando estudante, no mais justo e engraçado dos conceitos, disse do impagavel bacharelado: "De direito sabe apenas: um ponto, que estudou no primeiro anno; outro, que assimilou no segundo; outro, que apprendeu no terceiro; outro, que decorou no quarto. Ao que sei—arrematou—do quinto anno... nada sabe ainda".

No meu quinquenio academico, de vida toda fugace e despreoccupada, entremeada de uma bohemia propria da mocidade, passada nos "mofados aposentos do antigo convento dos jesuitas, velho casarão da Praça do Collegio das eras monarchicas", em Recife, local que o camartello da destruição pretende ora entrar em acção para edificar o maior hotel do norte do Brasil, naquella época, reaffirmo, tivemos dos "retratistas": um, que fazia os seus traços, em prosa, pelas columnas do *Correio de Recife*, então da direcção do projecto mestre dr. Netto Campello; outro, em versos, bem feitas quadrinhas da pena de *Aladino*, cryptónimo de um dos mais formosos talentos da geração academica — O Silveira Carvalho, nome aliás de fama comprovada nos tertúlias da terra.

Silveira Carvalho, o bonissimo Carvalhinho, como o tratavamos, na intimidade, escrevia na *Provincia*, dirigida pela penna fulgurante do saudoso Balthazar Pereira.

Eramos cento e dez bacharelados. Uma das turmas maiores daquelles dias.

Pernambuco, nessa fornada, deu o maior contingente: 58 bachareis; Parahyba levou 18; Piauhy formou 14. Seguiram-se-lhes: — Alagôas—5, Rio Grande do Norte—3, Sergipe—3, Bahia—2, Ceará—

2, S. Paulo—1, Santa Catharina—1, Rio Grande do Sul—1, Estado do Rio—1 e Amazonas—1.

Silveira Carvalho, como antelóquio, abre o livrinho com estas mimosas quadrinhas:

Nos perfis apanhados dia a dia  
Naturalmente muita cousa escapa,  
Mas é que, ás vezes, a photographia  
Não sáe perfeita na primeira chapa.

E uma somente hei de tirar, que a lista  
Accusa este anno, creio, cento e dez,  
E o tempo é curto para o retratista...  
Deus! que será de tantos bachareis?

E nesta espontaneidade de versejar, pendão que lhe era innato, pois o fazia de uma penada, no pouco tempo que lhe sobrava do penoso serviço de revisão — horas a fio, dêas ao anoitecer até aos albores da madrugada seguinte, não se contentou *Aladino em pincelar* os collegas. Foi mais além. Dedicou várias das suas expressivas quadras ao secretario da Faculdade, aos lentes escolhidos para o quadro da formatura, ao bedel do quinto anno e, com menção especial, ao querido e inesquecivel director — aquelle nobre character que se chamou Joaquim Tavares da Cunha Barreto, orgulho hoje de illustre descendencia e que teve como continuador na cathedra de mestre a pessoa de seu digno filho dr. Octavio Tavares.

O velho director era assim retratado:

Em tempos que se vão, no parlamento,  
Com muito amôr á patria já servio,  
Foi orador de fogo e de talento,  
E fortes *igrejinhas* destruiu.

Agora, da velhice entre os quebrantos,  
Como paternal bondade acolhe e guia

Esses quinhentos e quarenta e tantos  
Moços que cursam nossa Academia.

Até o edificio da Faculdade foi contemplado.  
Ao dobrar-se a ultima pagina do interessante livro,  
lê-se :

Convento em ruina, em cujos corredores  
Mal se enxerga a dous palmos do nariz...  
E' esta casa onde se faz doutores,  
Que exporta bachareis para o paiz!

.....

\* \* \*

Nesta resenha vê-se que o Ceará, nesse anno, rotulou (1) : o Adolpho Memoria e o Alvaro Garrido, dois felizardos de truz, recentemente beneficiados com os proventos da decantada lei n. 2.707, deste anno.

(1)—“Rotular a garrafa”, na giria academica, tem a sua historia.

E' sabido que muitos moços academicos faziam o curso até o quarto anno na Faculdade de Direito do Ceará, mas no ultimo — o quinto — munidos da transferencia de matricula, iam buscal-o na academia de Recife.

O dr. Augusto Vaz, cathedratico de *Theoria e Pratica do Processo*, materia que se ensinava então nesse anno, era um typo circumspecto, grave, mas cheio de bõm humor para com os seus alumnos. Tinha sempre engatilhada uma pilheria.

Certa vez — fui testemunha do factõ no primeiro dia de aula — fez a chamada. A' folhas tantas proferiu um nome:

—Fulano de Tal dos Anzóes?

—Presente.

—O dr. Augusto Vaz, que se jactava de conhecer todos os alumnos da Faculdade, algo admirado, falou:

—O sr. é pernambucano?

—Não senhor, sou cearense.

—Muito bem! Onde fez o seu curso?

—No Ceará, até o quarto anno — respondeu o estudante.

—Ah! — e adeantou o mestre, um tanto ironico e pilherico — o senhor é dos taes que enche a garrafa no Ceará e vem rotulal-a em Recife!!...

Estrondosa gargalhada reboou no salão.

O moço encabulou e a pilheria fez época.

O primeiro delles foi mimoseado com estes versinhos :

Se a *memoria*, collegas, não me falha,  
—Temo perder um dos meus poucos dotes—  
Com o de hoje entramos juntos na batalha  
Passamos juntos á época dos trotes.

Depois sumiu-se; nunca mais o vimos,  
E, para encurtar mais a nossa historia  
Este anno se lembrou de que existimos!  
—Graças a Deus Memoria tem memoria.

E o Alvaro Garrido:

Farto bigode, testa larga,—indicio  
De que é desenvolvida a sua bóssa...  
Sei que vae ser para o Alvaro um supplicio  
Ler seu perfil: é que elle teme a troça...

Mas de troças, collega, não se tema,  
A sua sisudez não me dá bases,  
Demais Garrido, a terra de Iracema  
Nos manda para aqui tão bons rapazes...

\* \* \*

Ha um retrato do qual não posso ser esquecido. Filho embora de outras plagas é hoje mais cearense que parahybano. Em nosso meio desfructa um nome respeitado pelos seus dotes de intelligencia e de coração, vulto aliás em evidencia na politica da terra. Alludo ao meu distincto collega dr. José de Borba.

Silveira Carvalho definiu-o assim:

Quem quer que do collega se approxime,  
Basta ouvir-lhe a palestra e ha de prezal-o.  
Lá na turma haverá quem não o estime?  
E entre as nossas patricias? Já nem falo...

Entretanto, apesar de tão querido,  
Da nossa Escola uns tempos se ausentou,  
Mais hoje eil-o, afinal arrependido,  
E resolve sahir por onde entrou.

E quanto a mim?... Perversamente, o Carvalhinho alludiu a uma estudantada em que me vi então envolvido.

Os trotes a esse tempo eram bem terriveis.

No meu quinto anno, quando cencertavam os calouros o programma das tradicionaes festas de 11 de agosto, dia de sua emancipação, não havia meios de reunil-os nos salões da Faculdade.

A assuada era medonha. Os veteranos firmaram um pacto: não consentirem absolutamente a reunião dos inoffensivos rapazes. Era mais um trote a dar-lhes.

Com o prestigio do grupelho trotista, porque, em verdade se diga, era eu um dos seus cabeças, não dos mais ronhentos, levei-os para uma "republica" da rua dos Pescadores, no bairro de S. José, e lá ficou assentado o ambicionado programma. Triumphámos.

Tive o premio de minha "coragem" e dedicação. Acclamaram-me, os calouros, o presidente dos festejos. Si "era uma honra para um pobre marquez", não menos honrados deviam estar, naquelle instante, os primeiro-annistas com a presidencia de um quasi doutor.

O "poeta-retratista", esboçou-me nas quadras seguintes:

"Se não fosse tão feio, já me disse,  
Ou se não me tomassem por pedante,  
Talvez meu curso todo repetisse,  
Gostei tanto da vida de estudante..."

E' por saberem disso que ao deixal-a,  
Para que uns tempos lembre, immorredouros,

O elegeram, ha pouco, sem cabala,  
Presidente honorario dos calouros...

Eis a razão por que deixando a Faculdade, so-  
braçando um canudo, trouxe para a vida publica  
mais essa "honraria".

Ah! *Aladino* de uma figa!

